

## DO ANGÚ AOS ORIXÁS: A BEM SUCEDIDA TRAJETÓRIA DOS NEGROS

Alexandre José Mendes Carneiro Campello\*

Falar de resistência negra no Brasil durante os quase quatrocentos anos de escravidão, de certa forma, tornou-se uma febre dentro da historiografia, posto que todos os atos e feitos vindos dos indivíduos de origem africana, passaram a ser analisado como tal.

Contudo não podemos deixar de verificar, dentro desta perspectiva, os fatos ocorridos em momentos e circunstâncias diferentes que envolveram três personagens desta história, de um modo bastante peculiar, em que, cada um desses buscou em suas origens, formas de superar as dificuldades, fator fundamental para a sobrevivência, neste processo abrupto de ruptura com seus ambientes naturais, que deixavam seqüelas inimagináveis em suas vidas. De maneira que, resistir se tornou o principal objetivo dos negros nesse sistema novo e cruel ao qual os obrigavam a uma total submissão a outra cultura que objetivava arrancar de seus corpos todas suas energias vitais, bem como apagar das suas almas e memórias todos os costumes e crenças oriundas da sua terra natal.

Para esta análise destacamos dentro deste período cronologicamente: Francisca Maria Tereza (FARIA, 2006), ex-escrava, forra e viúva, natural da costa da Mina, portanto denominada Preta-Mina, e que apesar de em seu testamento datado de 1776, não mencionar o comércio de alimentos a varejo exercido pela mesma, será este o gênero que iremos analisar adiante, enfatizando-o como forma de sobrevivência econômica, já que grande parte destas mulheres vindas desta região do continente africano viveu deste comércio a varejo em várias cidades brasileiras e que contribuíram de forma singular para a preservação da cultura africana em nosso país.

Vale destacar que as Pretas-minas alforriadas durante o período colonial, e até os meados do século XIX, eram as que mais tinham acesso a bens enquanto escravas, mais do que ex-escravas, mais do que os homens do mesmo grupo e infinitamente mais do que ex-escravas de outras regiões da África (era o caso de Francisca Maria Tereza).

Na verdade isto caracteriza, com as devidas adequações, a divisão sexual do trabalho em sua terra de origem (costa da África Ocidental), a qual era ocupada por vários grupos étnicos que seguiam este sistema de laboro, onde determinadas atividades só poderiam ser exercidas por mulheres. Neste caso o comércio a varejo dos alimentos é um exemplo prático

---

\* Licenciando do curso de História da UNICAP.

do que nos referimos, já que desde o século XVIII se tem registro desta prática nas ruas das cidades brasileiras.

A alimentação de uma maneira geral, não só para os nascidos em solo africano, mas especialmente para eles, em dado momento de sua chegada nos portos brasileiros, “não era só uma forma de sustentar seus corpos, mas de fortificar seus espíritos”( SLENES , 1999).

Entende-se então que para aqueles negros que acabaram de chegar numa terra estranha de língua e costumes diferentes, tais alimentos reportavam um pouco suas almas aos seus costumes e suas origens, que por hora lhes eram cerceados (sabe-se que muitos desses homens ao chegarem nas colônias morreram de banzo nesta época).

Dentro desta perspectiva, tal conhecimento sobre os consumidores e suas preferências alimentares, foi fundamental para o sucesso das atividades de algumas dessas mulheres-mina, que se tornaram presença importante no que se refere ao abastecimento urbano, mesmo incomodando as autoridades locais, visto que eram elas também que organizavam eventos como os sensuais lundos e batuques que tornavam propícios encontros para contatos, confraternizações e de uma forma geral entendimentos entre povos muito diferentes.

Dado o exposto, a quitanda era a forma com que estas mulheres comercializavam os alimentos. Caracterizando uma das diversas maneiras que as Pretas-minas alforriadas, utilizavam como fonte de sobrevivência econômica e resistência cultural. Visto que através desta atividade comercial, fora propiciado formas de socialização, criadas novas comunidades escravas, novas identidades e mantida acesas as lembranças de origem africana nas Américas.

Também foram estas mulheres referências de educação para suas sucessoras, que com elas aprenderam as formas adequadas de agir e sobreviver numa sociedade excludente, escravocrata e violenta que vigorou no Brasil até quase o fim do século XIX.

Em outro momento, acerca de setenta anos depois por volta dos anos de 1840, analisamos a passagem de outro indivíduo africano, cuja narrativa reveste-se de especial importância, tendo em vista a odisséia, incomum, de alguém escravizado na África Ocidental no início dos anos de 1840, transportado para o Brasil por volta de 1845, alcançando sua liberdade em Nova Iorque em 1847.

Trata-se de Mahommah Gardo Baquaqua (LEVEJOY ,2001) que em sua busca, “Liberdade” fora à primeira palavra que ele diz ter aprendido em inglês. Baquaqua conduz-nos por um caminho de múltiplas identidades, no qual a etnicidade informa a discussão sobre a situação do mesmo, mas apesar disto, não explica a progressiva individualização de sua identidade. Baquaqua não diz nada explicitamente, sobre a forma como ele identificava a si mesmo em termos étnicos ou em relação ao seu lugar de origem.

Aos trinta anos Mahommah Baquaqua teve sua biografia publicada. Um feito excepcional para um jovem ex-escravo. O mesmo tinha uma diversidade de experiências incomum para a maioria das pessoas em qualquer época, merecedora de vir ao conhecimento da história. Suas experiências indicavam as possíveis situações com que se defrontavam os africanos escravizados que haviam sido conduzidos à força ao longo das rotas que levavam ao mundo desconhecido da escravidão racializada nas Américas.

Baquaqua veio primeiro para o Brasil, antes de buscar a liberdade em Nova Iorque (EUA), e depois refúgio no Haiti. Ele converteu-se ao cristianismo em 1848, frequentou o Central College, em Mc Grawville, estado de Nova Iorque, mudou-se para o Canadá, onde, tomou as providências para a publicação de sua história, em 1855 viajou para Liverpool, e o último registro que se tem data de 1857, na Grã Bretanha, aguardando o resultado dos esforços de seus amigos missionários para levantar fundos, afim de mandá-lo de volta a África.

O que restou de sua correspondência, assim como sua biografia, reflete o seu firme propósito de retornar a sua “terra natal”. Através destes registros podemos perceber sua trajetória, em que resistiu à marcha forçada em direção à costa africana e a terrível travessia do Atlântico nos porões dos navios negreiros, experimentou um brutal encarceramento em Pernambuco (Brasil), viveu o período de dois anos de isolamento no Haiti, e nem mesmo o racismo de Nova Iorque, conseguiu quebrantá-lo.

Desta forma não pode haver uma evidência mais forte de que este homem manteve uma imagem de si mesmo, que pôde resistir à violência, à humilhação, e os esforços de desenraizamento. Sua identidade no contexto da escravidão manteve-se em transformação para diferentes situações, apresentando o homem em diferentes aspectos para diferentes situações. Em seu nome e sua memória, contudo, existem traços de um indivíduo que conservou uma forte identificação com a África e com sua terra natal. O que caracteriza uma situação ímpar de resistência, visto que Baquaqua não se opôs aos infortúnios da sua vida cativa, porém na sua subjetividade, teve perseverança e, sobretudo, sobreviveu aos vários ambientes hostis, aos quais passou em sua trajetória fora do continente africano, apesar das transformações impostas pelo seu destino, ele sabia sua origem e nunca perdeu a esperança de voltar para sua terra.

E finalmente para concluir nossa análise, destacamos um outro indivíduo diferente dos outros casos, já que este era filho de africana, mas nascido no Brasil, mais propriamente no Rio de Janeiro por volta de 1833. Trata-se de José Sebastião da Rosa (SAMPALHO, 2001), ou simplesmente, Juca Rosa o Pai Quilombo, líder religioso, reconhecido como o mais celebre

feiticeiro negro do Rio de Janeiro. Membros de diferentes grupos sociais se deslocavam até sua casa, em busca de seus conselhos e de suas poderosas curas.

Ao verificarmos a trajetória de rosa, percebemos, que a partir do momento em que ele abandona o ofício de alfaiate para seguir a promissora vida de líder espiritual, ele não opta pela segunda, simplesmente pelo fator religioso, e sim por que ali, no nosso conhecimento, o mesmo encontrou uma maneira de deter um determinado poder de influência tanto nas vidas de outras pessoas, como para o seu benefício próprio. Juca Rosa entendeu que seu “poder de cura”, trazia consigo não só o medo e admiração dos que ali freqüentavam, mais também trazia dinheiro e um determinado respeito da sociedade como um todo.

A partir daí, dedicou-se exclusivamente a cuidar da vida espiritual e amorosa de seus fiéis, adquiriu um significado específico e todo especial, prometendo ajudar nas dificuldades cotidianas. Desta forma o Pai Quilombo, não só encontrou amantes endinheiradas, como também promoveu um importante papel de diversão, através de suas festas, e de vida comunitária para os diferentes filiados de sua casa.

Através de sua liderança e de seu carisma, Juca Rosa cria uma forma religiosa singular, baseada em diferentes influências africanas, provocando desta maneira a propagação da cultura africana e combatendo a repressão imposta pela hostil sociedade escravocrata católica.

Atento aos fatos descritos e analisados, por hora detectamos nos três casos à ascensão e a projeção social conquistada pelos envolvidos nesta discussão. A partir de um momento de resistência ao novo sistema condicionado a eles, e do permanente apego a memória de seus costumes e crenças. Vimos em Francisca Maria, Mahommah Baquaqua e Juca Rosa, características comuns, vindos da África ou nascidos no Brasil, sofreram os preconceitos da escravização étnica, e deram exemplos de perseverança. Permaneceram de forma subjetiva, ou não, ligados as suas origens hora por uma forma de comercializar alimentos, hora por uma maneira de pensar, ou pela utilização dos desígnios espirituais. Apesar das imposições de uma sociedade elitista e segregadora, eles se mantiveram firmes, conservando a fé em suas crenças e cultura. Dessa maneira contribuindo para fazê-las presentes em todo o Brasil e nas Américas até nossos dias.

## REFERÊNCIAS

FARIA, Sheila de Castro. Francisca Maria da Silva e as Sinhás pretas no Brasil colonial In. **Retratos do Império**: Trajetória individual no mundo português nos Séculos XVI a XIX, EDUFF, Niterói, RJ, 2006.

LEVEJOY, Paul E. **Identidade e a Miragem da Etnicidade**, A jornada de Mahommah Gardo Baquaqua para as Américas. (Vide Robin Law e Paul Levejoy. *The Biography of Mahommah Gardo Baquaqua*, Princeton 2001).

SAMPAIO, Gabriela dos Reis. Pai Quilombo, o chefe das macumbas do Rio de Janeiro imperial. **Tempo**, nº 11, Rio de Janeiro, 2001.

SLENES, Robert. **Na senzala uma flor**: As esperanças e as recordações na formação da família escrava-Brasil Sudeste século XIX, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1999.